

O humanismo de Lebret e a Experiência do Movimento Comunitário de Base de Ijuí – RS

Humanism of Lebret and Community Movement Base Experience Ijuí

DEJALMA CREMONESE¹

Resumo: Este ensaio visa reconstruir, em um primeiro momento, o pensamento e a trajetória de Louis-Joseph Lebret no Brasil. O perfil humanista, cooperativista, comunitarista e organicista de Lebret foi central na formação e na articulação de diferentes grupos de intelectuais e de militantes católicos. Logo em seguida, o ensaio apresenta o Movimento Comunitário de Base de Ijuí – RS como exemplo do “espírito” lebretiano ao inspirar lideranças locais na formulação do mesmo movimento. Por fim, leem-se depoimentos de alguns intelectuais sobre a influência de Lebret em suas vidas.

Palavras-chave: Louis-Joseph Lebret; Humanismo; Movimento Comunitário de Base.

Abstract: This paper aims to reconstruct at first thought and career of Louis-Joseph Lebret in Brazil. The humanist profile, cooperative, communitarian and organicistic of Lebret was central in the formation and articulation of different groups of intellectuals and Catholic militants. Soon after, the paper presents the Community Movement Ijuí Base - RS as an example of the "spirit" lebretiano to inspire local leaders in the formulation of it. Finally, read testimonials from some intellectuals on the influence of Lebret in their lives.

Keywords: Louis-Joseph Lebret; Humanism; Community Movement Base.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar este ensaio, primeiramente manifesto agradecimento ao professor Dr. Hélgio Trindade pela oportunidade de tê-lo tido como professor

¹ Professor Adjunto II do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (Especialização) e Professor do Mestrado em Ciências Sociais da UFSM. E-mail: dcremoisp@yahoo.com.br.

quando cursei as disciplinas do doutorado em Ciência Política na UFRGS. Foi particularmente produtiva a compreensão da origem e do desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e no Brasil. Uma das ideias por mim assimiladas no decorrer daquelas aulas me alertou para a influência dos pensadores franceses nas Ciências Sociais do Brasil. É dentro desse contexto que surgiu este ensaio em que procuro evidenciar a incontestável importância das ideias do Pe. Lebret para a formação de lideranças religiosas, políticas e sociais do Brasil na década de 50 e 60 do século passado.

Cabe então analisar, neste ensaio, as principais ideias do padre francês Louis-Joseph Lebret expostas na obra *Economia e Humanismo*, bem como tratar da influência das suas ideias no Brasil onde muitas lideranças sociais e políticas, como Plínio de Arruda Sampaio, Marco Maciel, Betinho, Franco Montoro, Francisco Whitaker, Darcy Passos, tiveram, na sua formação, a influência desse proeminente pensador e autor.

O ensaio apresenta, na primeira seção, aspectos ligados à biografia do frei dominicano, sua militância juvenil católica, sua formação intelectual, universitária, técnica, filosófica e eclesial, assim com as redes de relacionamento nas quais o padre se inseriu. A segunda seção apresenta a influência das ideias de Lebret no Brasil. Discute sua influência em diferentes instituições: universidades, partidos políticos e, principalmente, em movimentos sociais. O terceiro capítulo apresenta a influência das ideias de Lebret em âmbito local ao influenciar lideranças sociais que, com o espírito lebretiano, conseguiram mobilizar as bases para a construção de importantes instituições. Apresentamos a figura do então frade capuchinho Frei Matias (Mário Osório Marques) e do professor Argemiro Jacob Brum, entre outros na organização do Movimento Comunitário de Base (MCB) e a Faculdade de Filosofia FAFI/FIDENE como exemplos concretos de instituições que nasceram dentro do “espírito” lebretiano no município de Ijuí — RS. Disponibilizamos ainda um adendo com alguns depoimentos de lideranças políticas brasileiras sobre o padre Lebret.

LEBRET: UMA LIDERANÇA

Louis-Joseph Lebret nasceu em Saint Malo, França, de uma família marítima, em junho de 1897 e faleceu em 20 de julho de 1966, com 69 anos. Foi frei dominicano e teve como itinerário intelectual conhecimentos técnicos e humanos, dentre eles, conhecimentos teológicos, sociológicos e econômicos. Foi na condição de católico e oficial da Marinha francesa que conheceu o mundo, suas misérias e

possibilidades. Começou por estudar os pescadores franceses que perderam, com a crise de 1929/30, em massa, suas condições de vida e trabalho.²

Seus primeiros escritos, a partir de 1932, versam sobre “os problemas marítimos”. Do mar saltou a terra, analisou com profundidade a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, com a colaboração de outros intelectuais, publicou o *Manifesto de Economia e Humanismo*, no qual estabeleceu as concepções teórico-metodológicas daquilo que se converterá, nas décadas seguintes, através das encíclicas dos papas João XXIII e Paulo VI, na nova doutrina social da Igreja e guia de ação de suas organizações e entidades religiosas e leigas.³ Sobre o compromisso e a missão pessoal de cada indivíduo, assim se expressou Lebret: “Nós estamos preocupados ao mesmo tempo com a economia e com o homem. Cada um de nós considera que seu mestre é o fato, cada um de nós tem o cuidado da vida humana das massas, cada um de nós é impulsionado por suas pesquisas e por suas experiências voltadas às perspectivas da vida comunitária” (Lebret apud Belato, 2003, p. 73).

Lebret, logo após a Segunda Guerra Mundial, viajou pelo mundo fazendo contatos e criando equipes de trabalho orientadas pelo método da pesquisa-reflexão-ação. Dedicou especial atenção à América do Sul, especialmente ao Brasil, onde permanece de 1952 a 1958, estudando os problemas do desenvolvimento do Nordeste, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e do Paraná. Lebret organizou também equipes de estudos no Uruguai, no Chile e na Colômbia e assessorou bispos e padres interessados na criação de pastorais sociais.

Foi fundador do *Movimento Economia e Humanismo* e, igualmente, o primeiro a ocupar-se da teologia do progresso de toda a pessoa. Lebret dedicou toda a sua vida a promover, em muitas nações, sobretudo no Terceiro Mundo, a civilização do progresso humano. No Concílio Vaticano II, foi conselheiro privilegiado de Paulo VI, que declarou o progresso como o novo nome da paz. Esse era o lema do Pe. Lebret, que participou também da elaboração da Encíclica *Populorum Progressio* e da *Mater et Magistra*. Suas ideias também podem ser encontradas no documento *Gaudium et Spes*.⁴ Como nos diz Godoy (2014, p. 8), o movimento *Economia e Humanismo* se constituiu a partir de Marseille entre 1941 e 1942. Naquela época, em seguida foi criada a *École Nationale de Cadres D'Uritage*, voltada especialmente para os estudos sobre planejamento. O movimento se fundeu nos subúrbios de Lyon. Com fortes influências dos trabalhos etnográficos, empíricos e estatísticos de Frédéric Le Play, o movimento teve sua origem num manifesto escrito

² Conferir Bosi (2012).

³ Para uma leitura mais aprofundada, conferir Belato (2003).

⁴ Conferir Godoy (2014).

por Lebret e outros intelectuais, como René Moreux, que se tornou seu primeiro presidente.

Esse movimento tinha a finalidade de levar os cristãos sociais a propor novas formas de organização da economia. Passar da economia capitalista a uma economia das necessidades humanas. O fundamento do pensamento de Lebret é a doutrina social da Igreja. Ele é um herdeiro direto de Ozanam, de Lacordaire, de Lammenais, de Buchez e de mais uma plêiade de cristãos que, em 1848, propuseram a opção pelos "bárbaros" contra a opção pelo Trono, dando origem ao catolicismo social.

O período de existência desse movimento Economia e Humanismo coincide com um momento de mudanças e de transformações na história da humanidade e também da Igreja. Estamos falando de um período em que houve duas guerras mundiais praticamente emendadas, de um período de grandes inovações e descobrimentos, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, do Concílio Vaticano II, da concentração de riqueza e poder nos países do Norte, do sonho de descolonização e desenvolvimento para todos os países, da divisão do mundo em dois blocos ideológicos e políticos antagônicos e da marcha do neoliberalismo com a mundialização e a globalização.

O Pe. Lebret foi diretor de investigação do "Centre National de la Recherche Scientifique", doutor *honoris causa* da Universidade de São Paulo e conselheiro econômico dos governos do Senegal e do Líbano. Sua constante preocupação em responder às necessidades dos homens o impulsionou a fundar o Centro de Estudos Sociais e Econômicos "Economia e Humanismo", cuja finalidade foi a de pensar a economia em função dos homens. Sua fundação, a IRFED (Centro Internacional de Formação e de Pesquisa para o Desenvolvimento), que data de 1958, nasceu da urgência de preparar técnicos em questões sociais. Esse Instituto, paralelamente a seu trabalho de investigação, contribuiu para a formação de especialistas dedicados a ajudar aos países em vias de desenvolvimento.

No ano de 1947 foi convidado, pela Universidade de Sociologia e Política de São Paulo, para ministrar uma série de palestras introdutórias sobre a "Economia Humana". Viajou pelo Brasil e por outras partes da América Latina tendo a oportunidade de constatar a extrema pobreza da maioria da população. Para essa realidade de pobreza, utilizou o mesmo método já usado por ele em outras realidades e ocasiões, ou seja, a observação, a análise dos dados, a investigação das causas, o assessoramento das necessidades, elaborando programas e projetos, treinando pessoas comprometidas e qualificadas para a mobilização dos lugares de poder e decisões. Por muito tempo ele se ocupou desses afazeres, tendo atuado ainda em outros lugares do mundo, como no Vietnã, no Senegal, em Ruanda e no

Líbano. A importância de seu trabalho ganhou reconhecimento de instituições internacionais, vindo, inclusive, a trabalhar diretamente com a ONU e com a Igreja.

No Brasil, o padre dirigiu a Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS). Segundo Dennison de Oliveira (2000, p. 69), “[...] esse grupo se destinava a forjar uma mentalidade de planejamento na periferia do capitalismo que fosse capaz de erradicar os piores excessos do populismo e do próprio capitalismo, contribuindo para afastar o perigo do comunismo, cuja atuação era tida como mais eficaz em áreas pauperizadas”.

Por fim, o termo *solidarismo* é o originado da expressão do Direito Romano "in solidum", que evoca pluralidade de sujeitos e identidade de objeto. O jesuíta Heinrich Pest (1854/1926) empregou o termo em 1905, na obra "Lehrbuch der Nationalekonomie", no sentido de doutrina (solidariedade real entre pessoa e comunidade) e sistema (entre a descentralização atomizante do individualismo e a centralização monolítica do coletivismo). Em 1924, na França, Charles Bouglé publica "Le Solidarisme". O solidarismo brasileiro, proposto pelo padre Fernando Bastos de Ávila, aproveita as contribuições do padre Lebret ("Manifesto por uma Civilização Solidária") e de Teilhard de Chardin. Como doutrina, é um esforço de sistematização das implicações sociais da mensagem bíblico-cristã, centrada em torno da categoria da pessoa humana. Como sistema, é dominado pela categoria de comunidade, da qual as pessoas participam como seres racionais e livres (é na ideia comunitária que se inspira toda a sua proposta de reestruturação da sociedade). Como ideologia, é dominado pela categoria da solidariedade.

LEBRET NO BRASIL

Nesta segunda seção passamos a apresentar, mais diretamente, a influência das ideias de Lebret no Brasil. Inicialmente a seção discute a influência de Lebret junto à Escola Politécnica de São Paulo; mais à frente, trata da influência das ideias de Lebret no Partido Democrático Cristão (PDC) e, por fim, trata da influência de Lebret nos Movimentos Sociais do Brasil nos anos 1950. Aqui, no Brasil, Lebret teve uma enorme influência entre os cristãos. Sua presença coincidiu com a entrada de um grupo importante de cristãos no PDC — Partido Democrata Cristão. Alceu Amoroso Lima, André Franco Montoro, Antônio Queiroz Filho, Afonso Arinos de Mello Franco e vários outros foram discípulos de Lebret. O arquiteto Francisco Whitaker Ferreira, criador do Fórum Social Mundial, trabalhou no escritório de Economia e Humanismo, diretamente sob a orientação do padre Lebret. O padre Lebret, no tempo do governador Lucas Nogueira Garcez, dirigiu um importante estudo sobre a Bacia Paraná-Uruguaí. Desse estudo surgiram as grandes hidroelétricas (como Urubupungá) que deram enorme impulso à economia do Sudeste brasileiro. Da

equipe que trabalhou com Lebret saíram os técnicos que elaboraram o Plano de Ação do Governo de São Paulo, isso durante o governo do professor Carvalho Pinto.

Como vimos, as ideias do Pe. Lebret influenciaram importantes intelectuais do Brasil, entre eles o professor Luiz Cintra do Prado, diretor da Escola Politécnica de São Paulo, como bem explicita o seguinte depoimento: “Naquele tempo, se iniciou, na França, um movimento denominado Economia e Humanismo. Esse movimento tinha como lema o direcionamento da economia em benefício do desenvolvimento e em benefício das pessoas”.⁵

O líder desse movimento era um antigo sacerdote dominicano, justamente o padre Lebret, que veio ao Brasil e fundou uma organização ligada a esse movimento francês e cujo líder, no Brasil, enquanto ele esteve à testa, foi exatamente o professor Luiz Cintra do Prado. Ele arregimentou nesse movimento, não só professores da Universidade, mas outras pessoas e muitos outros alunos externos.⁶

Sandro Anselmo Coelho, no artigo *O Partido Democrático Cristão: teores programáticos da Terceira Via brasileira (1945-1964)*, vê na doutrina do PDC uma proximidade com as ideias do Pe. Lebret, principalmente na obra *Economia e Humanismo*. Afirma Coelho: “Não nos furtamos a dizer ainda que todo este intrincado quadro de mudanças em que o PDC estava inserido teve como resolução a construção de uma Terceira Via, que se aproximou de um movimento internacional denominado Economia e Humanismo, surgido pelas mãos do padre francês Louis-Joseph Lebret”.⁷

O padre Lebret definiu economia humana “[...] enquanto pesquisa, como a disciplina, especulativa e prática, da passagem, para uma determinada população, de uma fase menos humana para uma fase mais humana, segundo o ritmo mais rápido possível, com o custo financeiro e humano o menos elevado possível, sem esquecer a solidariedade que deve existir entre todas as populações” (Lebret, 1962, p. 16). Para que essa elevação se estabelecesse, seria necessária “[...] uma planificação desde as unidades territoriais elementares até o conjunto mundial. Não se trata, evidentemente, de propugnar um modo único de planificação, mas, pelo contrário, uma grande variedade, levando-se em conta, em cada caso, as possibilidades, as estruturas atuais, os tipos de necessidade, os estágios técnicos e

⁵ Luiz Cintra Prado. Disponível em: <<http://www.poli.usp.br/pt/a-poli/historia/galeria-de-diretores/207-prof-dr-luiz-cintra-do-prado.html>>. Acesso em: nov. 2015.

⁶ Conferir: NAKATA, Vera Lúcia M.; TORRE, Sílvia Regina S. Della; LIMA, Igor Renato M. de. Entrevista com o professor José Augusto Martins, 2003). Disponível em: <http://www.poli.usp.br/Organizacao/Historia/Diretores/Menezes_Rocha.asp>. Acesso em: fev. 2006.

⁷ COELHO, Sandro Anselmo. “O Partido Democrático Cristão: teores programáticos da Terceira Via brasileira (1945-1964)”. *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº 46. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a09v2346.pdf>>. Acesso em: jan. 2006.

culturais, a qualidade e intensidade dos esforços espontâneos ou a incrementar” (Idem, p. 89).

Conforme os estudos de Coelho (2003), Lebret faz, como o Partido Democrata Cristão (PDC), críticas ao capitalismo e ao comunismo. Quanto ao capitalismo, ele seria, principalmente em sua primeira fase liberal, um regime marcado pelo “[...] direito exclusivo para os detentores de capital de decidir sobre a orientação dos investimentos decorrentes do lucro. É um regime incapaz de conduzir à satisfação ordenada das necessidades. É um regime fatalmente criador de exploração e opressão, contra as quais não podem deixar de existir reações de camadas sociais e de povos, através de um sistema complexo de tensões mais ou menos lentas ou destruidoras” (Apud Lebret, 1962, p. 27). Quanto ao comunismo, a maior falha seria a “[...] sua concepção da pessoa. Para ele, o homem individual pouco representa. O homem conta apenas pelo esforço de que é capaz na edificação do comunismo, tal qual a concebe o grupo que se apodera do poder. A verdade perde sua natureza absoluta. A inteligência é fundamentalmente comprometida. A violência torna-se universal. A selvageria aperfeiçoada e tecnicamente calculada é, em definitivo, muito semelhante à que foi praticada na primeira fase do capitalismo” (Idem, p. 38). Todavia, a humanidade deveria se inspirar na planificação econômica e na nacionalização de alguns setores como fora feito pelos soviéticos, como forma de acelerar o seu desenvolvimento (Idem, p. 40-41). Notamos, nos elementos apontados por Rogério Luiz de Souza (2001), como característicos da DC brasileira, uma profunda similaridade com os pressupostos de Economia e Humanismo. Segundo o autor, para o PDC “[...] estava claro que o Estado deveria conhecer a fundo as contradições do sistema e da sociedade, firmando-se como um Estado tecnoburocrático. O serviço especializado de controle de preços e de fluxo de produção e a supervisão de um Estado técnico diminuiriam os riscos e os conflitos de classe, onde apareceria planejando o desenvolvimento nacional em bases técnico-científicas”.⁸

Por fim, segundo Marcelo Ridenti, no artigo *O romantismo revolucionário da ação popular: do cristianismo ao maoísmo*, descreve a influência das ideias de autores franceses, inclusive de Lebret, nas principais lideranças da ação popular, da Juventude Estudantil Católica (JAC), Juventude Operária Católica (JOC), da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular (AP).

Baseado em depoimento de Francisco Whitaker, Löwy e Garcia-Ruiz, diz o autor: “[...] a JUC e de modo geral a Ação Católica brasileira dividem-se, ao longo dos anos 50, em duas tendências divergentes: a dos discípulos de Maritain, que se

⁸ SOUZA, Rogério Luiz de. O Partido Democrático Cristão: teores programáticos da Terceira Via brasileira (1945-1964). *Revista Brasileira de História*, vol. 23, n° 46. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a09v2346.pdf>>. Acesso em: jan. 2006.

tornarão democratas-cristãos, e aquela dos discípulos de Lebret e Mounier, que tomará o caminho do socialismo” (1997, p. 21). O padre Lebret, descreve o autor, esteve no Brasil várias vezes, a partir de 1947, e manteve contato com dirigentes da JUC, inclusive como Plínio de Arruda Sampaio, que o encontrou em 1953.⁹

O COMUNITARISMO DE BASE DE LEBRET: UMA EXPERIÊNCIA LOCAL

As ideias de Lebret influenciaram diretamente algumas lideranças ao nível local. Trata-se das experiências concretas no município de Ijuí — Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em meados da década de 50 do século passado. Dois nomes aparecem como referência das ideias lebretianas. Trata-se do então frade capuchinho Frei Matias (Mário Osório Marques) e do professor Argemiro Jacob Brum.

Agora tratamos, especificamente nesta última seção, da trajetória e da inserção de Mário Osório Marques na comunidade local, bem como da estruturação institucional da FAFI/FIDENE e do Movimento Comunitário de Base (MCB).

A trajetória intelectual do professor Mário Osório Marques pode ser dividida em três momentos: primeiro, como intelectual escolástico; o segundo, como sociólogo, inspirado nas ideias de Lebret e, o terceiro, como pesquisador. A inspiração do sociólogo Osório Marques na comunidade adveio do movimento criado e liderado pelo padre Lebret, denominado “Economia e Humanismo” ou “Civilização Solidária”. Osório Marques e Argemiro Brum foram marcados profundamente pelas ideias de Lebret. Ambos formularam, de múltiplas formas, tanto a prática do olhar, do pesquisar e do agir, quanto a da mobilização social como forma de participação individual e coletiva na dinâmica do desenvolvimento. Daí surge a organização local — e sua conexão nacional e internacional — dos trabalhadores rurais, dos trabalhadores urbanos, dos jovens: estudantes secundaristas, universitários, agricultores e operários. Propunha-se simplesmente a busca e a construção de um caminho próprio e autônomo, feito com as próprias forças, pelos sujeitos em suas comunidades e a partir de seus problemas.¹⁰

Tendo presente a inspiração de Lebret, Osório Marques procurou contextualizar e adaptar as ideias do padre francês à realidade local. É graças ao empenho pessoal de Marques que surge a instituição denominada Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFI) em 1957. Nesse novo ambiente do saber, professores, alunos e lideranças comunitárias partilhavam a experiência da reflexão, do debate, da militância cotidiana e da organização popular que despontavam em

⁹ RIDENTI, Marcelo. *O romantismo revolucionário da ação popular: do cristianismo ao maoísmo*. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/lasa98/Ridenti.pdf>>. Acesso em: jan. 2006.

¹⁰ Conferir Marques; Brum (1972).

outras regiões do país, bem como no Rio Grande do Sul e em outros países (Belato apud Brum, 2003, p. 75).

Mário Osório sofreu perseguições por parte de setores tradicionais da Igreja, bem como das organizações empresariais e até mesmo de partidos políticos tradicionais, exatamente pela sua militância e opção em seguir as ideias revolucionárias do padre Lebret. Mesmo assim, porém, Mário Osório sempre se manteve coerente e fiel aos princípios do franciscanismo católico e ao ideário de Lebret do grupo Economia e Humanismo, não aderindo à retórica, nem, metodologicamente, aos princípios marxistas ou aos de outras tendências socialistas.

Como vimos, as ideias de Lebret, objetivadas na prática pedagógica de Mário Osório, influenciaram diretamente na estruturação da FAFI e deixando um perfil acadêmico diferenciado em relação às demais instituições de ensino superior, por força da manutenção de seu compromisso social, educativo e de independência acadêmica (Belato, 2003, p. 76).

Inspirado nas ideias de Lebret, Mário Osório Marques e Argemiro Jacob Brum foram os responsáveis pela estruturação de importantes movimentos e instituições no município de Ijuí. Como exemplo de participação comunitária, Ijuí viu florescer, no início dos anos 60, o Movimento Comunitário de Base (MCB), nascido da realidade da população local e a partir de ação extensionista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI).¹¹

O Movimento Comunitário de Base (MCB) surge como uma tentativa de dar uma resposta à crise por que passava Ijuí. Nesse sentido, podemos definir o MCB como um modelo de trabalho comunitário construído com base na experiência religiosa dos capuchinhos e centrado na ideia da dignidade e valor da pessoa humana, na pedagogia do pequeno grupo e da participação (BRUM, 1994, p. 20). Nos grupos e associações – e nos demais momentos da vida –, as pessoas eram estimuladas a (re)conhecerem-se, a se encontrarem e a se confrontarem como iguais. Um dos objetivos principais do MCB era o de participar no diagnóstico e nas soluções dos problemas locais e regionais.

Como vimos, a inspiração para o trabalho do MCB provinha de quatro fontes: a) do testemunho de Francisco de Assis e do espírito da Ordem dos Frades Menores Franciscanos (frades capuchinhos) que administravam a FAFI; b) de

¹¹ A FAFI (Faculdade de Filosofia) nasceu com o espírito do associativismo e da participação comunitária. “De uma dimensão individual e individualizante evoluiu-se para uma dimensão marcada pela preocupação com o social e voltada para a grupalização e o associativismo. Cada pessoa é um ser único, tem na comunidade um lugar e um papel seu, intransferível. É nos grupos e associações, no encontro e confronto com os outros – no espelho do outro – que as pessoas, ao descobrirem os outros, se encontram e descobrem a si próprios como sujeitos participantes e criativos – construtores solidários da História, criando o clima e gerando as condições para a efetiva convivência democrática” (BRUM, 1994, p. 19).

pensadores e educadores da vanguarda renovadora do pensamento católico na época — Maritain, Mounier, Lebrete e outros;¹² c) do contexto brasileiro da época, fervilhante de ideias na busca de saídas para uma crise profunda, da afirmação como povo e da instrumentalização para o exercício da cidadania e da definição do Brasil como nação; e d) da formação e tradição histórico-cultural de Ijuí e região, com acentuada tradição comunitária alicerçada no elevado grau de consciência do valor da pessoa, do espírito de iniciativa e da capacidade empreendedora (Brum, 1994, p. 20). A tradição comunitária e associativista provinha dos primeiros imigrantes, que criavam associações, escolas, igrejas, capelas, grupos de canto, clubes esportivos e clubes sociais. A intenção do MCB era resgatar tais valores cívicos.

O MCB foi um movimento de ideias e ações centrado no valor da dignidade humana, tendo como vocação a convivência humana, buscando espaços para a solidariedade e a união com o objetivo de criar grupos sociais conscientes e participantes. A essência do movimento era o conceito de “participação”, do qual a organização e a presença eram elementos primordiais. O MCB estava voltado às necessidades das camadas sociais mais carentes, principalmente aos moradores recém-chegados na cidade, muitos expropriados de suas terras em consequência da modernização agrícola por que o município e a região passaram anteriormente. Carentes, desenraizados e vivendo no anonimato com muitas privações, essas pessoas eram, de certa maneira, sensíveis ao aspecto comunitário, mais propensas à participação nos grupos sociais.

Inicialmente, as reuniões eram semanais e tinham como objetivo instruir os participantes sobre os problemas estruturais de conjuntura econômica e política, além de ali ser instigado o voluntarismo, a participação e a organização de grupos urbanos e rurais. Com o término do curso de extensão (reuniões semanais), foi proposta a continuidade das reuniões num âmbito mais abrangente, com a estruturação de um Conselho Municipal de Desenvolvimento de Ijuí, uma espécie de Assembleia Comunitária, que mobilizou amplas camadas da população local. Essa Assembleia Comunitária realizou-se em agosto de 1961, com público “numeroso, representativo e vibrante”.¹³ É nesse espírito que, no meio urbano, (re)ativaram-se os círculos de pais e mestres, os grêmios estudantis, os sindicatos, as associações de bairros – Conselho de Bairros de Ijuí (CBI) e Encontro de Líderes de Bairros de Ijuí. No meio rural, foram organizados em torno de 80 núcleos, que tinham como meta a organização e sindicalização dos agricultores. Os núcleos estruturavam-se

¹² Editor da revista *Esprit*, Mounier foi um dos principais líderes da resistência francesa. O autor defendia o comunitarismo e a necessidade de os intelectuais passarem do conhecimento para a ação. Nesse sentido, nota-se uma estreita semelhança entre a *práxis* de Mounier e a de Lebrete. (GODOY, 2014, p. 9).

¹³ Conferir: Trindade (1971, p. 130).

distribuídos em 10 Conselhos Distritais, com assembleias periódicas denominadas de Encontro de Líderes Rurais de Ijuí.

Nas palavras de Argemiro Brum, um dos principais idealizadores do movimento: “a organização e participação (ideia e força) eram as palavras-chave do MCB”. Todo o trabalho e organização se colocavam na perspectiva de um processo educacional e cultural de libertação e de promoção humana a partir dos próprios indivíduos-sujeitos. A organização da base era tida como a forma mais consistente e eficaz de construção do poder do povo e de sua expressão como ator político e sujeito histórico. Assim, corporifica-se o MCB em diferentes organizações e atividades: a) nos bairros, com mais de 20 associações de amigos; b) nas escolas, com reativação do círculo de pais e mestres e grêmios estudantis (mais de 20); c) na zona rural, com a criação dos núcleos de base (mais de 80 ao todo) nas vilas e povoados do município, fomenta-se a participação para o fortalecimento do associativismo – sindicalismo e cooperativismo; na cidade, com a dinamização dos sindicatos urbanos das diversas categorias de trabalhadores – criação dos Conselhos de Desenvolvimento de Ijuí. Reuniões, encontros, seminários, palestras, debates, cursos, jornal, programas de rádio, campanhas e solução de problemas concretos foram os principais meios utilizados para a propagação do avanço e a consolidação do Movimento (Brum, 1994, p. 22).

Com o golpe de 1964, o MCB sofreu abalos em sua estrutura, vindo, gradativamente, a diminuir sua atuação junto à sociedade ijuicense. O Movimento deixa de existir formalmente, as lideranças locais dos núcleos de base e das associações de amigos de bairros sentiam esgotarem-se seus limites e passaram a levantar a necessidade de cursos para maior fundamentação, melhor instrumentalização e ampliação de seus horizontes culturais. Como resposta à necessidade sentida naquele momento, foi criado o Instituto de Educação de Base (IEB), que estava vinculado à Faculdade de Filosofia, e assumiu a articulação do trabalho de extensão que vinha sendo realizado pelo MCB. Em 1969, criou-se a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE) e o IEB passou a denominar-se Instituto de Educação Permanente (IEP) (Brum, 1994, p. 23).¹⁴ Podemos afirmar ainda que a criação de importantes instituições, como o MADP (Museu Antropológico Doutor Pestana) em 1961, a EFA (Escola

¹⁴ Sobre a criação da FIDENE, Brum (1994) assim argumenta: “Amplamente discutida, a idéia foi adquirindo forma e se corporificando em seus documentos fundamentais, em atendimento a exigências legais, até culminar com a instituição da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado –FIDENE, em julho de 1969, através da escritura pública de dotação de bens pela transferência do patrimônio da FAFI, pertencente à Sociedade Literária São Boaventura, à Fundação e, através dela, para a comunidade regional, a quem, de fato, por intenção de origem e destinação de serviços, já pertencia” (p. 26).

Francisco de Assis) em 1969 e, mais tarde, em 1985, a UNIJUÍ, são exemplos vivos do espírito participativo e associativo do ijuiense. Mesmo não mais existindo como organização, as ideias do MCB influenciaram as pessoas do município e região, bem como as referidas instituições, que ainda hoje trazem a marca da participação e da organização, fruto das ideias de seus empreendedores.

ADENDO – DEPOIMENTOS REFERENTES AO PE. LEBRET

Franco Montoro: “Eu sigo um ensinamento do padre Lebre: o importante é você se considerar um zé-ninguém a serviço de uma grande obra. Sou um zé-ninguém há 80 anos, mas posso olhar para trás com orgulho e para frente com esperança.” Franco Montoro, entrevista dada por ele mesmo ao jornalista Élio Gaspari, quando completou 80 anos, em 1996. Citado por José Serra no artigo *Um homem público* (Folha de São Paulo - Tendências e Debates - 30/10/2003). Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/outubro2003/clipping031030_folha.html>. Acesso em: jan. 2006.

Marco Maciel: “Deve o político – como aprendi com o Padre Lebre – procurar andar mais depressa que os acontecimentos, ver com antecipação a realidade e agir prontamente sobre a causa dos problemas.” Senador Marco Maciel. *Discurso de recepção pelo acadêmico Marcos Vilaça*. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/web/senador/marcomaciel/academia_discurso_recepcao.asp>. Acesso em: jan. 2006.

Gustavo Corção: “Uma tarde fomos todos com o Padre Lebre ao Mosteiro. Guardei bem a cena porque eu ia atrás e podia observar bem as várias configurações que tomava o grupo, e ouvir o que diziam sem necessidade de intervir ou apartear. Na frente, ao lado de Dom Abade curvado e afável, a carrure robusta do dominicano de rosto quadrado, duro e resoluto. Dois monges esticavam o pescoço para o gosto de ouvir falar francês, e Murilo Mendes, desembaraçado e afoito, quis em certo momento dizer uma frase definitiva. E lançou: “O comunismo é chato por não ter o senso da poesia”. E então eu vi, com estes mesmos olhos mais moços, uma cena inesquecível. O Pe. Lebre voltou-se como se o tivessem picado, e com dois olhos azuis implacáveis pregados no rosto de Murilo retorquiu: “C’est vous que n’avez rien compris du communisme”. Os monges sorriram. O abade sorriu. Ninguém sabia o que fazer dos braços e do rosto. Murilo meteu a viola no saco. Felizmente terminava ali o corredor e uma porta envidraçada produziu um torvelinho de pequenas amabilidades que encerraram o episódio”. Gustavo Corção. *O século do nada*. Disponível em: <<http://gustavocorcao.permanencia.org.br/Artigos/secnada1.htm>>. Acesso em: jan. 2006.

Antônio Candido: “Em 1947 o Aziz Simão e eu nos aproximamos dos dominicanos. Fiquei amigo do padre Lebret e participei um pouco do movimento Economia e Humanismo. O padre Lebret nos disse naquela ocasião uma coisa que calou fundo em mim: ‘O futuro da humanidade está nas mãos dos socialistas independentes e dos cristãos convertidos ao cristianismo...’. Ele fez em São Paulo notáveis palestras sobre o movimento operário e as teorias políticas, para chegar à explicação da sua, que era uma espécie de socialismo cristão”. Antônio Candido, entrevista concedida a Eder Sader e Eugênio Bucci. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/td/td02/td02_memoria.htm>. Acesso em: jan. 2006.

Patrus Ananias: “Betinho formou-se na geração da Juventude Universitária Católica (JUC), que recebeu a influência do pensamento e da prática social cristãos, entre eles o notável padre Lebret, inspirador da Encíclica sobre o Desenvolvimento dos Povos, a *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI. Lebret era um incansável estudioso das questões econômicas à luz dos princípios éticos dos Evangelhos e articulou uma rede de pesquisadores, pessoas e entidades em torno desse compromisso. Betinho aprendeu com ele que a economia é um instrumento para o promover o bem maior, o desenvolvimento com justiça social. A primazia e o fim último é sempre a vida e a dignidade da pessoa humana. Teoricamente, as pessoas razoáveis concordam com isso.” Patrus Ananias. *Cidadania e Solidariedade*. Disponível em: <<http://noticias.cardiol.br/listanotsql.asp?P1=208705>>. Acesso em: jan. 2006.

Francisco Whitaker: “Minha geração foi muito influenciada por um dominicano francês, Pe. Louis Joseph Lebret. Era uma pessoa muito especial, misto de geógrafo, atividade que o fez vir ao Brasil realizar pesquisas socioeconômicas, e teólogo. Lebret trabalhava muito o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, e seus estudos tinham dimensão mundial. Uma obra sua de importância foi ‘Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente’. Mas escreveu também obras que foram muito úteis para nós, jovens, como ‘Princípios para a Ação’, muito útil até hoje, e ‘Rejuvenescer o Exame de Consciência’. Mais adiante, em 1962, foi perito do Concílio Vaticano II. Fomos todos ‘devidamente’ influenciados por ele”. Francisco Whitaker. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3841&secao=360>. Acesso em: nov. 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o pensamento e a trajetória do padre Louis-Joseph Lebret ajudaram a formar importantes intelectuais e militantes por todo o Brasil. Sua contribuição intelectual, e ao mesmo tempo prática, ajudou na urbanização do Brasil, um país em formação. O perfil humanista, cooperativista, comunitarista e organicista de Lebret foi central também na formação e articulação de diferentes grupos

intelectuais e de militantes católicos. Ajudou igualmente na formação ideológica dos movimentos mais à esquerda no espectro político e da igreja católica, desde o final dos anos de 1940 até meados dos anos 60. Os seus relacionamentos foram amplos. Suas ideias contribuíram para planos diretores de diversas cidades de diferentes governos, líderes de partidos políticos, empresários e até mesmo estudantes, operários e camponeses foram influenciados por suas ideias.

É incontestável a importância das ideias de Lebret para o desenvolvimento regional. O seu humanismo e seu comunitarismo influenciaram lideranças políticas por todo o Brasil. Mais perto de nossa realidade, influenciou lideranças locais como Mário Osório Marques, o principal articulador da fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FAFL) de Ijuí – RS e do Movimento Comunitário de Base de Ijuí em fins dos anos 50 e início dos anos 60 do século passado. Cabe-nos ressaltar que a essência das ideias de Lebret, assimilada e posta em prática por Mário Osório Marques, marcou profundamente não só as instituições sociais, políticas e educacionais do município, mas o espírito da comunidade ijuiense, que soube, em momentos de crise e dificuldades, solucionar os problemas, graças ao espírito associativo e comunitário de suas lideranças forjando o desenvolvimento regional.

Em uma época de desencanto e de ceticismo que beira o pessimismo, de um certo cansaço dos movimentos sociais tradicionais dos anos últimos 30 anos, nada mais oportuno é então apresentar e, quem sabe, resgatar as ideias do humanismo do Pe. Lebret. Suas ideias ainda servem de ânimo para o enfrentamento aos novos desafios e como alternativa à economia estritamente de mercado dos nossos tempos.

Referências

ANANIAS, Patrus. *Cidadania e solidariedade*. Disponível em <<http://noticias.cardiol.br/listanotsql.asp?P1=208705>>. Acesso em: jan. 2006.

BELATO, Dinarte. Mario Osorio: o intelectual. In: BRUM, Argemiro J. *Trajetórias de uma vida: depoimentos*. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

BOSI, Alfredo. Economia e humanismo. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 249-266, ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: nov. 2015.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000200017>

BRUM, Argemiro J. *Trajetórias de uma vida: depoimentos*. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

BRUM, Argemiro J. *Unijuí: uma experiência de universidade comunitária, sua história, suas idéias*. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

CANDIDO, Antônio. *Entrevista concedida a Eder Sader e Eugênio Bucci*. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/td/td02/td02_memoria.htm>. Acesso em: jan.2006.

COELHO, Sandro Anselmo. O Partido Democrático Cristão: teores programáticos da Terceira Via brasileira (1945-1964). In: *Revista Brasileira de História*, vol. 23, n. 46. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a09v2346.pdf>>. Acesso em: jan. 2006.

CORÇÃO, Gustavo. *O século do nada*. Disponível em: <<http://gustavocorcao.permanencia.org.br/Artigos/secnada1.htm>>. Acesso em: jan. 2006.

LEBRET, Louis-Joseph. *Manifesto por uma civilização solidária*. São Paulo: Duas Cidades, 1962.

GODOY, José Henrique Artigas de. *A práxis de Lebre: economia humana, desenvolvimentismo católico e problemas regionais do Nordeste*. Disponível em: <http://www.encontroabcp2014.cienciapolitica.org.br/resources/anais/14/1403729726_ARQUIVO_Paper.ABCP.2014.pdf>. Acesso em: nov. 2016.

MACIEL, Marco. *Discurso de recepção pelo acadêmico Marcos Vilaça*. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/web/senador/marcomaci/academia_discurso_recepcao.asp>. Acesso em: jan. 2006.

MARQUES, Mário Osório; BRUM, Argemiro Jacob. *Uma comunidade em busca de seu caminho*. Porto Alegre, RS: Sulina, 1972.

NAKATA, Vera Lúcia M.; TORRE, Sílvia Regina S. Della; LIMA, Igor Renato M. de. *Entrevista com o professor José Augusto Martins*, 2003. Disponível em: <http://www.poli.usp.br/Organizacao/Historia/Diretores/Menezes_Rocha.asp>. Acesso em: fev. 2006.

OLIVEIRA, Dennison. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba, PR: UFPR, 2000.

PRADO, Luiz Cintra do. *Depoimentos*. Disponível em: <<http://www.poli.usp.br/pt/a-poli/historia/galeria-de-diretores/207-prof-dr-luiz-cintra-do-prado.html>>. Acesso em: nov. 2015.

RIDENTI, Marcelo. *O romantismo revolucionário da ação popular: do cristianismo ao maoísmo*. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/lasa98/Ridenti.pdf>>. Acesso em: jan. 2006.

SERRA, José. *Um homem público*. Folha de São Paulo - Tendências e Debates - 30/10/2003. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/outubro2003/clipping031030_folha.html>. Acesso em: jan. 2006.

SOUZA, Rogério Luiz de. *A reforma social católica e o novo limiar capitalista (1945-1965)*. Curitiba, PR: UFPR (mimeo.), 2001.

TRINDADE, Héliqio Henrique Casses. Participação político-social ao nível local. In: *Dados do Instituto Universitário de Pesquisas*. Rio de Janeiro, n. 9, 1971.

WHITAKER, Francisco. *Entrevista*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3841&secao=360>. Acesso em: nov. 2016.